

RESENHA

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos**: uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

O PESO DO CORPO: UMA PROBLEMÁTICA HISTÓRICA BRASILEIRA**BODY WEIGHT: A BRAZILIAN HISTORICAL PROBLEM**

Thyerre Torres¹

No mundo de hoje há diversas questões voltadas à gordofobia, doenças relacionadas à autoimagem e um exagerado culto ao corpo e suas formas. Portanto, o livro ora resenhado, intitulado “*Gordos, magros e obesos*: uma história do peso no Brasil”, publicado em 2016, em São Paulo, pela editora Estação Liberdade, faz-se atual, necessário e essencial. Nele, a autora Denise Bernuzzi de Sant’Anna – que é professora de História da PUC-SP e possui vários livros e inúmeros artigos que discutem sobre as relações entre o corpo e a subjetividade contemporânea – evidencia, a partir de uma perspectiva histórica, aspectos importantes sobre o corpo na sociedade brasileira. Esta obra de escrita envolvente e leitura fluida está organizada em quatro capítulos, ao longo de 178 páginas.

No primeiro capítulo, intitulado “Triunfo da gordura e medo da penúria”, a autora apresenta, tendo como marco temporal inicial 1920, como se caracterizava no Brasil o “triunfo da gordura”, refletido em concursos de pessoas gordas que se sentiam maravilhadas em se mostrar. Neste sentido, os corpos gordos e corpulentos configuravam motivo de comemoração a ser celebrada e a imprensa nacional fortalecia esses concursos.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: thyerretorres@gmail.com

A autora destaca que naquele período o corpo gordo não era foco de problematizações negativas, mas, sim, concebido como um corpo bonito, evidência de boa condição financeira e, por consequência, desejável. Na referida época, segundo a autora, o ditado “o que não mata engorda” rodeava os lares, e termos conceituais como “corpulência” e “pessoas muito gordas” eram bastantes usados. Aqui o guloso(a), a mesa farta, o corpo gordo eram mesmo um triunfo na sociedade e o termo “obesidade” ainda não existia e não era um problema social. Outra questão levantada pela autora ainda no primeiro capítulo é a relação entre o corpo gordo e o corpo magro. Se, por um lado, o gordo possuía valor e prestígio, o magro era representado como sofrível e apático. A ideia do magro ou “magricelo(a)” fazia certas referências à pobreza e doenças, do ponto de vista médico. “Magricelas, magrelinhas e homens magros viravam preocupação e despertavam receios quando mostravam sofrer de inapetência, dispneia, verminose ou anemia” (p.46). Findando o primeiro capítulo, a autora faz uma rica contextualização acerca dos primeiros embates entre a gordura – diferenciada a partir do corpo gordo (dotado do ser ainda aceitável) – contra o corpo robusto (que se assemelhava à gula e à gordura demasiada).

No segundo capítulo, intitulado da “Vergonha de ser gordo”, o “triunfo da gordura” não se tinha mais, porquanto a ideia da obesidade se aflorou. A autora argumenta que a partir de 1930 começou a suposição de que a obesidade roubava anos de vida e provocava uma má disposição na vida das pessoas. Assim, uma nova preposição do corpo se instaurava. Com isso, deu-se a busca de adelgar a silhueta com roupas da nova moda – vestidos retos e decotados – medicamentos para emagrecer e o apogeu das ginásticas e dos exercícios físicos. Assim, a ideia de obesidade tomou proporções devastadoras, onde ela se espelhava na velhice, na feiura, na vergonha e, por isso, emagrecer passava a ser um dever para os mais gordos. Nesse tocante, a imprensa diversas vezes publicava seus jornais com menções à escolha nos relacionamentos, onde os homens preferiam as mais magras. Um exemplo disso era o jornal “Rio Nu” que dotado de suas características humorísticas, mas de cunho explicitamente erótico, trazia em suas publicações, especialmente, mulheres com suas curvas corporais a mostra, evidenciando, portanto, toda sedução de uma representação corporal que se era objetivada. Outro aspecto importante nesse capítulo refere-se ao uso da balança como controle do peso corporal. Como demonstra a autora, o uso da balança se deu de modo processual e progressivo, uma vez que à época a balança ainda não havia sido integrada ao cotidiano nacional.

Resenha – O peso do corpo: uma problemática histórica brasileira – Thyerre Torres
– p. 286-291

Jovens e crianças adeririam aos novos costumes, já adultos e idosos tinham a interpretação da balança como um “mau agouro”. Todavia, com o coro endossado de todo malefício causado pela obesidade, com o passar do tempo, o hábito de pesar se tornou frequente e normativo, generalizando-se entre a população. Caminhando rumo à finalização do capítulo, a autora, aludindo a décadas posteriores, anos de 1970, observa que a barriga feminina e a “pança” masculina já estavam condenadas ao desdém. “É quando a grande pança virou quase um palavrão, uma indecência, o mais claro indicador que seu proprietário falhou em investir no que deveria ser mais importante: a saúde e a estética do seu corpo” (p. 92). Reformular a estrutura corporal – não apenas fugir da gordura, mas manter uma barriga moldada aos traços cartográficos corporais – seria extremamente necessário. Transformar o corpo com medicamentos, exercícios, cintas modeladoras e cirurgias estéticas expressavam artifícios para manter o reducionismo da barriga.

No capítulo terceiro, denominado “Do sonho da fartura à realidade das dietas”, a autora narra sobre o “hibridismo na alimentação”, conforme publicações emergidas a partir de 1950, voltado aos estímulos opostos com relação à fartura à mesa e às dietas. Então, os regimes eram evidenciados na imprensa, e esta mesma imprensa divulgava salgados e doces das indústrias de alimentos com suas marcas nacionais e internacionais já bem reconhecidas. Sintetizando, essa ideia híbrida se explica no combate entre as divulgações do comer mais saudável e as grandes e renomadas empresas que queriam vender seus alimentos mais gordurosos. Conforme a autora, nesse sentido, a ideia da mulher maquiada, bem-vestida e com sua silhueta bem definida, principalmente, a ideia da esposa, tornou uma exibição destacada. “A antiga ideia da esposa que depois de ter filhos podia conservar quilos a mais e vaidade a menos não combinava com a nova mulher ilustrada nas revistas da moda” (p. 100). Em adendo, quando se mostrava a esposa (com sua elegância prestimosa e prendada na cozinha), a fartura alimentar, com a geladeira abarrotada de alimentos, ficava bem evidente o padrão de mulher/esposa/mãe que eram preconizados. Outro aspecto interessante trabalhado pela autora é a relação entre alimentação e a condição financeira. Dentro desse contexto, iniciado nos anos de 1960, já eram bem transparentes as comidas da classe média e da moda, ou seja, a comida “chique”. Esses alimentos resplandeciam em anúncios que pareciam se vincular ao sonho da ascensão social e muitos deles não eram acessíveis a maior parte da sociedade

Resenha – O peso do corpo: uma problemática histórica brasileira – Thyerre Torres
– p. 286-291

brasileira, devido à má nutrição e à fome que assolavam o país. Com relação aos alimentos para uma pequena parcela de brasileiros, centrados numa perspectiva modista ainda, durante a tentativa introdutória do *drivi-in*² no Brasil, imitada pelo grande sucesso nos Estados Unidos, a ideia da comida rápida se iniciara no país. A autora reitera que esta moda do *drivi-in* não foi plenamente estabelecida no ideal brasileiro, porém a proposta do comer assistindo, ou em algumas atividades recreativas, virou um fato. Sendo assim, diversas lanchonetes que ofereciam *fast food* (comidas rápidas) não tardaram a conquistar milhares de brasileiros. Assim, a fórmula de comer alimentos industrializados virou uma realidade social, dando a entender que o que era produzido e embalado industrialmente tinha mais valor do que o alimento caseiro. As merendas das crianças nas escolas não ficariam de fora deste costume e os alimentos eram, na maioria das vezes, essas “comidas rápidas”. “Nesta época que as cantinas de escolas públicas e privadas vendiam salgados, doces, refrigerantes e sucos” (p. 109). Assim, enquanto esses alimentos rápidos, industrializados e vendidos por marcas da moda se fortificavam no mundo e, conseqüentemente no Brasil, a obesidade e a obesidade infantil se tornaram um problema mundial.

A partir dessa problemática, Denise Bernuzzi de Sant’Anna infere sobre as políticas de uma boa alimentação que houve no Brasil. Com o passar do tempo, esta distinção entre lanches saudáveis e lanches cheios de calorias só se fortificou. O *marketing* dessas “empresas da moda”, às quais faziam publicidades com alimentos que faziam engordar se tornou objetos de denúncias e diversas projeções e questões legais foram criadas, a fim de regularizar a publicidade de alimentos no Brasil. “No terreno literário, desde os anos de 1980, floresceu uma nova produção dirigida às crianças, tratando de problemas físicos e, em particular, da obesidade e dos distúrbios alimentares” (p. 111). Ainda conforme a autora, por conseguinte, em 2010, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) cria a resolução que buscou regularizar a publicidade de alimentos no país e, em 2012, pelo Ministério da Saúde, foi instituído o “Manual das cantinas escolares saudáveis”, buscando promover a alimentação saudável. Ato contínuo, a autora elucida sobre o intenso temor ao engordar, onde o medo da gordura se configurou comum, principalmente quando se enseja a beleza e a saúde. “Desde que os problemas

² Sistema que permite assistir a filmes dentro de um automóvel.

do sobrepeso e da obesidade começaram a ser divulgados com assiduidade pela mídia, o medo de engordar generalizou” (p. 112). A gordura, que já era muito atacada, não postulava uma boa saúde, tampouco a projeção da beleza. Com isso, segundo a autora, passa a ganhar terreno também uma certa perspectiva psicologizante que colocava as pessoas consideradas obesas como portadoras de carência afetiva, falta de estima e apoio. “Desde o ano de 1980, aumentou a publicidade em torno do seguinte pressuposto: a boa alimentação, conjugada a um estilo de vida avesso ao sedentarismo, contribuem para não engordar” (p. 120).

Por fim, no quarto e último capítulo do livro, denominado “Entre liberdades e patologias”, a autora começa seu diálogo sobre uma “pandemia do regime” que se instaura, caracterizada por uma insistência global e assídua no emagrecimento, provocando, por certas vezes, algo muito além das transformações dos pesos e volumes corporais. Surge disso, uma enxurrada de métodos para o emagrecimento, desde inúmeros medicamentos a um aglomerado de cardápios e regimes, com adesão às atividades físicas, ginásticas e diversas outras estratégias visando a perda de peso. “Comer de modo saudável e ‘malhar’ eram fórmulas que se repetiam (e ainda hoje se repetem com exaustão)” (p. 129). Propagandas contra obesidade se tornaram normais e rotineiras e, conseqüentemente, a valorização heroica já havia para quem conseguisse sair deste “fardo”. A “pandemia do regime” tornou-se real, e nesse contexto a autora problematiza a ideia surgida de “gordo doente”, remetido à gula, cujo tamanho corporal é entendido como não adequado ao convívio no meio social. Nesse tocante, a autora salienta que a obesidade, até a década de 1970, era refletida como doença de rico, pois as pessoas obesas comiam tanto porque tinham condição financeira para isto. Com o passar do tempo, a atribuição da obesidade prioritariamente aos ricos foi deixando de fazer sentido no imaginário social, porquanto desde os anos de 1980 as populações desfavorecidas começaram a apresentar as mais elevadas taxas de obesidade. Com a criação do Índice de Massa Corporal (IMC) foi possível “medir e converter a banha”. Noções como “abaixo do peso”, “peso ideal”, “sobrepeso”, “obeso” e “obesidade mórbida” ganharam uma amplitude social e passaram a fazer as pessoas buscarem certas medidas no peso e em proporção à altura, a fim de manterem uma forma corporal socialmente desejável. Fica claro nesse capítulo que “obesidade mórbida” tomou uma visibilidade maior, principalmente em relação às indicações de cirurgias bariátricas para essas pessoas. O alvoroço midiático no combate

Resenha – O peso do corpo: uma problemática histórica brasileira – Thyerre Torres
– p. 286-291

às pessoas obesas, mormente as mórbidas, passou a proliferar e o que era bem aceitável e bonito antigamente, tornou-se o “doente e assustador”. Outra importante reflexão feita pela autora nesse quarto capítulo de seu livro é sobre as doenças relacionadas à imagem corporal, tais como a anorexia (onde se tem a magreza extrema) e a bulimia (que se tem compulsão alimentar e comportamento compensatório como, por exemplo, o vômito), consequências da busca pelo corpo magro e fuga da gordura, fazendo as pessoas mergulharem em sofrimento e em transtornos alimentares, com projeção a certos padrões de magreza. Para além da busca exacerbada da magreza, tão bem analisada nesse capítulo do livro, a autora também alude sobre os processos de resistência gerados pelas pessoas obesas onde formas de combates à gordofobia vem a cada dia se enaltecendo.

A autora finda sua exímia obra apontando que toda essa árdua busca e transformações corporais são “[...] nada além de um espetacular adensamento da consciência corporal contemporânea, cuja ironia trágica é fazer crer que dela depende toda nossa saúde e liberdade” (p. 178).

Recebido em: 11/09/2021 Aprovado em: 24/10/2021
--